

SER MULHER: FORMAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO EGITO DA FARAÓ CLEÓPATRA VII THEA FILOPATOR: NAS DIMENSÕES DA LINGUAGEM, ESPAÇO SAGRADO, TEMPO - ETERNIDADE E TEMPO REAL- HISTÓRICO

Dr. Thomaz Décio Abdalla Siqueira¹
Nelzo Ronaldo de Paula Cabral Marques Junior²

I - Introdução

Como eu sempre estudei sobre o Egito e principalmente a vida de Cleópatra VII desde aos 07 anos e a maioria dos livros estavam ao meu dispor, acrescentei com a vida de Marilyn Monroe e Ernesto Che Guevara, dando minha opinião pessoal sobre a visão de beleza e sedução destas duas mulheres e também discutindo Cleópatra VII com Che Guevara em relação ao mito-linguagem, sagrado-político, tempo-eternidade e tempo real-histórico utilizando a teoria de Adolpho Crippa (1975), na qual me encantou desde o primeiro contato com a abordagem teórica.

Este artigo é uma obra de amor, pois tomou agradavelmente o meu tempo e demonstra o quanto esses personagens são eternos. Escondendo os arquétipos ou os modelos radicais, os mitos oferecem o caminho único para compreensão do sentido primeiro e derradeiro da cultura (CARL GUSTAV JUNG). Na visão de Adolpho Crippa a cultura inicialmente é um regime de fascinação, de grandes e poderosos ideais e determinando a consciência, cria as formas do vir-a-ser das coisas e constitui aquele princípio singular da realidade que distingue as diversas tentativas humanas de transformar em obras os ideais propostos na revelação primordial.

Consideramos este estudo como pertencente a área da psicologia transcultural juntamente com a Psicologia Social devido analisarem e estudarem as formas como os fatores culturais influenciam o comportamento humano. Enfatizando os conteúdos narrativos históricos na dimensão do tempo real e histórico.

¹ Professor Titular, Classe E, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEF/UFAM. Pós-doutor em Psicologia Social e do Trabalho (USP), Doutor em Psicologia Clínica (USP), Mestre em Psicologia Social pela Universidade de Okayama – Japão. Atualmente Presidente da Comissão Própria de Avaliação – CPA/UFAM. *E-mail:* thomazabdalla@ufam.edu.br

² Bacharel em Saúde e Lazer pela Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEF/UFAM. Pesquisador do Diretório de Grupos do CNPq: Psicologia Cognitiva: Criatividade e Corporeidade (credenciado pela UFAM). Membro Egresso da Comissão Própria de Avaliação – CPA/UFAM. *E-mail:* mrmarquesjr@gmail.com

Demorei muito tempo para decidir publicar este trabalho que teve uma menção honrosa no Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo – USP. O motivo principal era que sempre eu achava que faltava algo mais, entretanto resolvi finalizar o trabalho senão ficará no esquecimento nos meus arquivos de trabalho. É uma produção feita com emoção e amor, afina discorrer sobre a Faraó Cleópatra VII é uma grande honra em associar o meu nome no tempo histórico eterno, uma mulher sábia, letrada, guerreira, governante.

Afinal o tempo é irreversível, podemos acessá-lo através de livros, de relatos e recordações ou até mesmo de sentimentos. São as ditas dimensões do atual (real – ocorrendo no presente instante), também posso denominar de momento presente e finalmente o futuro. Não sei no que dará como resultado da exposição deste conteúdo realizado com relativa facilidade devido dominar o assunto desenvolvido, mas somente o **TEMPO** poderá responder minhas questões intrínsecas (mentais) e psicológicas. Não esqueci da dimensão do **PASSADO** [grifo dos autores], pode ser atual desde que você consiga entrar em sintonia com a época e imaginar o fato ocorrido naquele específico espaço temporal. Sem mudar as cenas políticas e sem tirar vantagens das situações ditas reais. Eu sempre me pergunto: O que é realmente o real? O passado ocorreu e não tem como muda-lo, talvez apenas por uma outra leitura, um novo olhar e uma nova perspectiva. A figura da Faraó Cleópatra VII domina minha mente desde os sete anos de idade ao deparar com um primeiro livro lido em 24h00 devido a devolução imediata para minha amiga. Quando estava lendo eu tinha uma sensação que tinha participando deste tempo e que já sabia a história toda, embora os relatos sempre reforçava a sensualidade, sedução e um certo vampirismo.

Cleópatra Tea Filapátor era ptolomaica, linhagem direta de Alexandre III da Macedônia (ALEXANDRE O GRANDE ou ALEXANDRE MAGNO – 3356 a. C – 10 junho de 323 a. C.). Cleópatra VII era descendente direta dos reis gregos do Egito, foi após morte do pai, Rainha do Alto e Baixo Egito como qualquer outro Ptolomaico, se tornou Rainha com a esperança que seu pai tinha em manter os costumes e ideais de sempre para o Legado egípcio não se perder ou afundar com a cobiça, tanto sua irmã Cleópatra VI Trifena (75 a. C. – 57 a. C.) e Berenice IV (76 a.C. – 55 a. C.) foram mortas por trair o trono na ausência do pai, Cleópatra VII era uma criança ainda. Seu irmão Ptolomeu XIII Filapator Novo Dionísio II (63 a. C. – 47 a. C.) não esperou o corpo de seu pai Ptolomeu XII Filópator Filòmetor Novo Dionísico I (Rei Flautista 117 a. C – 51 a. C.) esfriar e também com envolvimento de uma facção no palácio quiseram descartar

Cleópatra VII. Havia casamento entre irmãos porque era comum para manterem os negócios e o sangue Real. Em alguns casos simbolicamente, como foi o de Cleópatra VII. Desde criança foi preparada para ser governante e se dedicou ao estudo de línguas e culturas.

No testamento o Rei Ptolomeu deixou o reinado pra ser sucedido por Cleópatra VII e seu irmão Ptolomeu XIII, isso não aconteceu. Segundo relatos históricos, chegaram a governar por quatro anos. Porém com a manipulação dos tutores de Ptolomeu XIII, Potino (Eunuco) , Áquila (ministro e general) e Teódoto (Preceptor - acabaram através de joguetes políticos fazendo com que Cleópatra VII fugisse de Alexandria e refugiasse na Síria, provavelmente em 48 a. C. A cidade de Alexandria foi edificada em 331 a. C. Pelo grande comandante militar Alexandre.

A Faraó Cleópatra VII era muito mais do que isso: simplesmente uma pessoa envolvente, encantadora e também uma mulher sagaz para um período onde os homens eram os que faziam a HISTÓRIA. Isso provavelmente devia incomodar e talvez muito, pois na própria atualidade de 31 de dezembro de 2017 encontramos mulheres boicotando mulheres e homens achando que as mulheres são meros "instrumentos de prazer". Estamos vivendo o momento do empoderamento das mulheres, finalmente talvez a nossa Faraó seja entendida na sua totalidade e complexidade humana. O empoderamento feminino nada mais é do que a promoção de poder, de uma autoridade e da afirmação que a mulher pode reconstruir um país, o meu Amado Egito.

II – Desenvolvimento

De acordo Adolpho Crippa (1975), a cultura é uma possibilidade historiável, cuja origem e natureza estão nas revelações míticas. É uma possibilidade original e derradeira, constituída por modelos que presidem à constituição de um princípio da realidade e de um estilo singular, caracterizando as diversas cosmisações que os documentos comprovam. Como quadro primordial projetado pelos poderes divinos, a cultura determina a consciência e cria as formas do vir-a-ser histórico.

Traduzindo a manifestação primordial do divino, os mitos apresentam um projeto cultural, como totalidade viva vinculada a todo o universo.

A realidade não é apenas justificada nas proposições míticas, mas constituída numa determinada maneira de ser. A mitologia envolve a vida humana como estrutura vital, confere consistência ao existente e coloca a perspectiva radical e irredutível a

qualquer outro tipo de saber. Os mitologemas³ guardam algumas vezes as chamadas proto-formas dos projetos culturais, fixando a origem meta-humana dos fatos culturais.

O objetivo deste trabalho foi um estudo sobre a imagem do desejo de três personagens históricos cada um em sua época e datados historicamente num tempo e espaço. Primeiramente abordarei sobre Cleópatra VII (Rainha do Egito nascida em 69 a.C. e morta em 30 a.C.), em segundo sobre o mito de sedução Marilyn Monroe (1926 - 1962) e em terceiro plano, sobre a imagem de sedução guerrilheira de Ernesto Che Guevara.

Cleópatra VII será comparada com Marilyn Monroe em relação aos aspectos beleza e sedução, cujo objetivo fundamental é a discussão dos jogos de amor e sedução. Em outro plano, Cleópatra VII servirá de modelo de discussão do jogo político em associação com a figura de Ernesto Che Guevara. Cada personagem em sua época. Observaremos o que há de comum entre estas figuras históricas e também o que os distinguem nos campos social, afetivo-emocional e político. Os personagens serão analisados de acordo com a teoria de Adolpho Crippa (1975) através dos seguintes tópicos:

- I - Mito e linguagem;
- II - As dimensões do sagrado;
- III - Tempo e eternidade;
- IV - Tempo real histórico.

Não iremos aprofundar-me em demasia sobre a história dos três personagens; servirão como pano de fundo para um estudo da mitopoese, isto é, para entender o processo de formação dos mitos, não em forma de lendas, mas como algo concreto existente que permeia a vida de cidadãos em cada época e a forma como a imagem é manipulada para construir um ideal político ideológico, de certa forma tirando o que existe de humano real e transformando-os em imagens de deuses inatingíveis povoando o nosso mundo de arquétipos e cheio de imagens inconscientes. A metodologia usado foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica através de livros disponíveis na biblioteca da Universidade Federal do Amazonas – UFAM em Manaus.

III – Conclusão

a) Mito e linguagem: De acordo com Crippa, A. (1975), ao mundo próprio dos

³ Mitologema" é um elemento ou tema isolado em qualquer mito. Os temas das ascensões ou declínio são mitologemas.

mitos corresponde uma linguagem mítica ou uma maneira mítica de comunicação. Os estudos linguísticos trouxeram uma imprevista contribuição ao estudo da linguagem mítica. Significa que há uma linguagem radical, um falar e um dizer primordial, que precede e determina as línguas, uma linguagem arcaica que precede e possibilita as línguas humanas. Os "sistemas", aos quais já fazia referência F. de Saussure e os quais voltam com tanta freqüência os estudiosos mais recentes, presidindo a todas as elaborações conscientes e racionais, não seriam o originariamente revelado, no qual as realidades mundanas e humanas encontram a possibilidade de surgir de maneira significativa, antecipando-se à consciência e possibilitando toda e qualquer elaboração racional, os tais sistemas perdem-se numa origem inatingível numa anterioridade indefinível à pesquisa e à ciência. Isto de certa forma significa que a liberdade criadora do homem, facilmente percebida na criação dos signos verbais e das línguas, está fixada numa possibilidade radical que abre e determina o campo em que pode ser exercida. Mais ainda, uma possibilidade radical que determina as formas particulares do seu vir a ser, isto é, talvez nada permaneça no universo, tudo seja um devir expressivo e comunicativo. Cleópatra VII por exemplo falava e escrevia nove idiomas e, segundo Cícero, tinha uma voz suave e agradável ao espírito humano, pois todos prestavam atenção ao que ela dizia, sua voz atingia todas as ondulações que ela desejava e sabia tirar proveito desta situação (CICERO segundo FVAR LISSNER (1959, 34) tinha "[...] *a cabeça que abrigou o cérebro mais eminente de Roma o qual caiu sob os golpes dos assassinos em 7 de dezembro de ano de 43, antes de J.C.*". Tinha então 64 anos, sucumbiu ao ódio de Marco Antônio cuja violência atacava nas suas Fifípicas, entretanto Cícero havia sobrevivido a César, a Pompeu (Roma 106 a.C. - Pelusa 48 a.C. e a Catão), pois segundo Heródoto, a voz da Rainha do Egito encantava e seduzia todos os presentes em sua corte. Na realidade era a única faraona que sabia falar a língua dos antigos antepassados, isto é dos primeiros faraós do antigo Egito.

Segundo Plutarco "*[...] sua voz era como um instrumento de várias cordas, do qual tirava à vontade toda a espécie de sons e de linguagem*".

Ao seu palácio acorriam soberanos e senhores feudais levados pela simpatia da rainha egípcia. Fortunas imensas ela gastava nas festas em honra dos poderosos de Roma. Tinha um objetivo: *construir um império sobre a grandeza dos romanos e destruir-lhe o poderio*.

Cleópatra VII, desde de pequena, fora instruída sobre as tradições e cultos de seu povo. Naquela época era importante que todo soberano tivesse uma linhagem mítica, isto

é, fosse encarnação viva de algum deus, portanto Cleópatra VII era a deusa Ísis viva, pois foi educada no templo das duas deusas Hátor e Ísis (deusas da maternidade e beleza), equivale a Vênus dos antigos romanos e sabemos que em Roma foi instalado o culto de Ísis logo no início do orientalismo com a ida de Cleópatra VII à Roma no cortejo do *Imperador* Júlio César. Resumindo, Cleópatra VII, em vida, era uma deusa que aparecia em todas as festas religiosas no Alto e Baixo Egito (desde Mênfis até Luxor Tebas – Karnark).

No templo da cidade de Dendara (Templo do Deusa do amor, do céu, das mulheres e também associada a beleza feminina) A cidade era conhecida na antiguidade com o nome de Tentyra, uma pequena cidade no Egito. O Templo foi erigido em homenagem à deusa Hátor aparece um relevo com a figura de Cleópatra VII e seu filho Cesarion (o pequeno César) numa procissão à deusa Hátor. Na minha opinião, este relevo mostra a deusa viva homenageando a deusa morta; no sentido simbólico, pois para os egípcios a vida era eterna e a vida após a morte era mais importante no plano espiritual do que a vida terrestre. Quando fui visitar a cidade de Dendara, até agora não esqueço que estava a procura de um relevo de Cleópatra VII e fiquei apreciando o templo em ruína e sozinho fiquei perguntando onde Cleópatra VII estaria? Naquele momento avistei que estava aos pés deste relevo imenso, fiquei tão feliz, pois tinha valido a pena ter viajado de Luxor até Dendara para encontra o meu mito em pedra que tinha um significado extraordinário na minha vida. Atualmente esse relevo está desgastando com o passar do tempo, entretanto tive a oportunidade de vê-lo em seu embendor.

b) As dimensões do sagrado: Segundo Georg Ebers (1959, 54) foi agradável à tarefa de penetrar nos meandros da personalidade dessa 'infeliz rainha' e, com base nos dados históricos, esboçar um quadro pessoal, no qual gostaria de acreditar, entretanto descrever Cleópatra VII é entrar em um mundo chamado de religioso (sagrado), pois os egípcios na época de Cleópatra VII de acordo com a Coleção Abril Jovem (1995) (Primeira publicação em inglês 1993 pôr Watts Books - Todos os direitos reservados a Alladdin Book Ltda 1993 -1995.) acreditavam em muitos deuses, que controlavam todos os aspectos da natureza e da vida cotidiana. A deusa mais importante era Ísis, a protetora de tudo.

As pessoas comuns adoravam os deuses em casa. Os templos eram reservados aos sacerdotes, sacerdotisas e ao sumo sacerdote, que era o próprio faraó, Cleópatra VII era o próprio faraó do Egito e era considerada como foi descrita antes, a personificação de Ísis a deusa viva, era sua descendente direta devido a linhagem mística e sagrada que envolvia

esta rainha.

Para Crippa (1975) o Sagrado se apresenta no dizer criador do Verbo como a verdade dos entes. O sagrado não apenas fundamenta o mundo real, mas toma este mundo real inteligível, ou seja acessível às formas do pensamento e da ação, isto é na palavra as coisas se tornam iluminadas e inteligíveis. No prólogo do seu Evangelho, João refere-se à essa força iluminadora do *Verbum* [grifamos] criador, fonte de toda a vida e de toda a iluminação.

Segundo Georges Gusdorf (1971) observa que o sagrado é e permanece o recurso final de todas as significações e valores. Para além das conquistas da ciência, a reserva de valor está mantida, e o sentido do sagrado... perpetua o desejo profundo de uma satisfação plena de todos os valores humanos.

Cleópatra VII era deusa em sua terra. No Egito rendiam-lhe culto sob o nome de Afrodite e de Ísis-Hátor. E, quanto a César, esse afirmava orgulhosamente: "Minha família, se pôr um lado descende de reis, pôr outro descende dos deuses imortais. Anco Márcio é o tronco de reis, e minha mãe era Márcia, Os Júlios descendem de Vênus e nossa família é Júlia. Desse modo, a nossa casa reúne a santidade dos reis, que são os senhores dos homens, à majestade dos deuses, que são os senhores dos reis".

No caso de Marilyn a dimensão do sagrado fica em parte do mito que esta representa e que até atualmente é de certa forma cultuada pelos fãs que no dia do seu aniversário festejam e relembram seu sucesso em Hollywood como o sonho da menina pobre que ascendera socialmente pela beleza e talento, eu diria pela a busca de um ideal e sentido de vida. Marilyn era o estereótipo vivo do ideal de mulher americana, meiga e sensual. Cleópara VII como uma mulher de pele branca, uma grega, diferente de seus súditos de pele morena. Ambas tinham a capacidade de criar um mito de acordo com seus atributos físicos. Crippa (1975) explica que a sacralidade está na referência de todas as coisas a um poder divino originante. Revelando as estruturas profundas do Mundo, o sagrado se torna a fonte de todas as justificações finais da história e da existência humana.

Em relação a Che Guevara a preocupação que este fosse cultuado após a morte e que trouxesse para a america- latina o sonho da guerrilha, isto é a luta armada e organizada para obtenção do poder, ou talvez o pensamento comunista, pois como mesmo relata Che Guevara o "*medo que o trabalhador do campo tivesse consciência de força e percebesse o quanto esta fora do sistema económico e político de época*". Ainda na Argentina dos tempos atuais é visto nas feiras e mercados de Buenos Aires, camisetas, produtos e até cerveja com o nome e imagem de Che Guevara.

c) Tempo e eternidade: Cleópatra VII é uma figura histórica que tem o tempo determinado, todavia quase tudo que se relata de sua vida são suposições, pois os historiadores da época descreviam de acordo com seu sentimento e não exatamente a realidade dos fatos, portanto a história do oriente é transcrita pela visão do ocidente e com isto sabemos que pode levar a uma série de distorções, pois era um mundo feito para homem e descrito pela visão do masculino

d) Tempo Real-Histórico: Com a leitura de: "Mito e Cultura" de Adolpho Crippa, definiu *Mythos* como um dizer original. Palavra que cria a realidade, não se trata de negar os diversos sentidos anexados posteriormente à palavra Mito. A palavra pode assumir um sentido épico, ou seja, colocada e dita em razão de uma escolha singular (única). Em sua significação radical, mito é a palavra que põe e constitui a realidade falada, isto portanto pode significar que o mito é manifestação do Ser, ou "*ontofania*" [grifo nosso].

A famosa serpente do Nilo ou do Egito foi uma brilhante governante que sabia a dosagem certa do espaço sagrado, do espaço temporal e do tempo eterno. No Egito a memória e a lembrança são dons divinos. Então nesse momento que encerro meu relato a Faró Cleópatra VII se encontra viva nas minhas imagens mentais.

V – Referências

- CRIPPA, A. (1975) Mito e cultura. São Paulo: Editora Convivo, 1975.
- EBERS, G. (1959) *Cleópatra*. Tradução de A. Denis. São Paulo: Coleção Saraiva.
- GANERI, A. (1993-1995) A. *Coleção oito temas - os antigos romanos*. Tradução de A. Lúcia Franco. São Paulo: Editora Abril Jovem.
- GREGORY DA SILVA. BALTHAZAR. (2013). A(s) Cleópatra(s) de Plutarco: As Múltiplas Faces da Última. Monarca do Antigo Egito nas Vidas Paralelas. /. – Curitiba.
- JUNG, C.G. (2020) Opere. *Diversos tradutores*. Torino: Editora Boringhieri. (Gli archetipi e l'inconsci collettivo). Volume 9. Parte prima.
- LISSNER, I. (1959) *Os Césares - apogeu e loucura*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda.